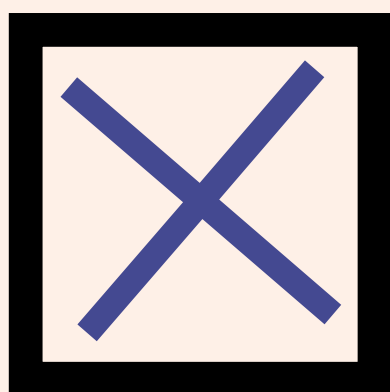




VEJA CANDIDATOS AO CONSELHO DE REPRESENTANTES

Páginas 6 e 7

DIAS 11 E 12 ELEIÇÃO DA AdUFRJ



VOTE!

PARTICIPE

Compareça e ajude a fortalecer a AdUFRJ. A mobilização dos professores é essencial para defender a universidade dos ataques do governo contra a ciência, a liberdade de cátedra e a educação. **Páginas 3 a 7**

A SEMANA

A ADUFRJ É O NOSSO FRONT. PARTICIPE DA ELEIÇÃO!

DIRETORIA

O presidente da República é uma “persona”, no sentido que Thomas Hobbes empresta ao termo: um ente abstrato que “representa” entes concretos, por vontade dos mesmos, e que, por representá-los enquanto coletividade – civitas – os governará. Pompa e circunstância são inerentes e indispensáveis ao papel. Mas o presidente da República é também uma pessoa de carne e osso, escolhida pelos entes concretos, numa democracia, para exercer o cargo (concreto) em que se materializa aquele papel. No Brasil, hoje, não é mistério praticamente para ninguém que o ocupante do cargo/papel não consegue compreender essa equação binária.

O atual governante da nação tem duas obsessões – sobejamente apontadas nas mídias, inclusive nas tradicionais – que, toleradas na esfera do privado (por conta do respeito à multiplicidade de opiniões), são inconcebíveis quando anunciadas publicamente pela persona. Uma é sua preferência explícita por ditadores, regimes autoritários, tortura e afins. Talvez fosse o caso de alertá-lo de que foi eleito (e não ungido) sob a égide de uma Constituição e que suas diatribes antidemocráticas têm repercussões muito negativas para o país. A outra obsessão é por exemplos extraídos do universo amoroso (privado por definição) – casamento, noivas, idade de mulheres, desempenho sexual e outras pérolas – ou referentes a características naturais dos humanos e animais em geral (desnecessário citar). O uso de tais exemplos frequenta discursos desastrosos sobre meio ambiente, relações internacionais, turismo, articulações com o Legislativo, etc. Igualmente desnecessário apontar as consequências que idiossincrasias privadas como essas trazem quando publicizadas. Bem recente, o exemplo do jogo de xadrez contempla as duas obsessões.

Além de pessoalmente obcecado por ditaduras e, digamos, animalidades, o presidente governa num esquema poliédrico, em que cada um dos vários lados que o cercam apresenta especificidades e diferentes graus de identificação com o mandatário. Assim, há o espaço terrivelmente liberal, onde pontifica um economista que, apesar de Chicago, não é expoente nem na USP nem na PUC-Rio; Bolsonaro foi por ele convencido de que deveria bancar a reforma da previdência, mas nem por isso o presidente cedeu quanto aos privilégios dos militares. Uma relação delicada, portanto. O lado da corrupção, sobretudo quando colado ministerialmente na segurança, revela uma associação mais complicada; Moro e

Bolsonaro soltam faíscas quando se tocam.

Outras faces, como a religiosa, comportamental, ambiental, educacional, e por aí vai, também mostram traços próprios, mais ou menos folclóricos, mais ou menos retrógrados, mais ou menos agressivos (colégios militares Brasil afora é medida que “tem que ser imposta”). Traços próprios e diferentes interações entre presidente e ministros. Goiabeiras e personagens de HQs, ao que parece, já saturaram o chefe. Podem agora ser jogados numa cesta junto com bobagens culturais e filmes nacionais, sob gestão única (e masculina, de preferência).

Antes fosse um Leviatã o monstro que resulta dessa mixórdia de objetivos, caminhos e (especialmente) interesses que se autoproclama governo brasileiro. Contudo, há um fio que liga e costura os lados aparentemente dissonantes desse “projeto” governamental. É a rejeição ao saber. Austeros, folclóricos, privatistas, patrioteiros, terraplanistas, madeireiros, tantos e quantos, se unem e pegam em armas quando avistam instituições que existem em virtude do conhecimento em qualquer de seus mais variados tipos. Instituições, como as universidades, que existem para produzir conhecimento através da pesquisa, para ensinar e, pois, transmitir conhecimento, e para integrar a sociedade aos benefícios do conhecimento – o que se realiza, nas universidades, mediante atividades de extensão.

O horror ao conhecimento – à ciência, à cultura, às artes, à história, ao saber popular – talvez seja o elemento mais nitidamente distintivo do governo Bolsonaro. Como se passou a entender no Ocidente, desde o século XVIII, as luzes permitem vislumbrar a civilização, a riqueza da diversidade, os males do arbítrio, a justiça de um desenvolvimento inclusivo e muito mais. Seja por razões de classe, de ideologia, de princípio religioso ou de puro oportunismo, a meta principal da exótica entourage bolsonarista é “isso aí”: apagar as luzes. Como ele se considera rei (o exemplo do xadrez é sintomático), e, soubesse do que se trata, se diria um plantageneta, tudo é possível.

Diante do diagnóstico acima, que muitos analistas têm compartilhado em parte ou no todo, cresce a importância das entidades que organizam a resistência das universidades públicas contra os cortes orçamentários, o esvaziamento de órgãos de fomento à pesquisa, a eliminação de bolsas de estudo. A AdUFRJ é o nosso sindicato, nosso front de luta. Nos próximos dias 11 e 12 de setembro a AdUFRJ renova sua diretoria. O comparecimento dos professores e professoras às urnas é, no momento, a maneira mais eficaz de fortalecer-la. Vote!!!



■ O futuro da pesquisa no Brasil está em risco. A Capes anunciou o corte de 5.613 bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado que estavam previstas para os quatro meses restantes do ano. Nenhum novo pesquisador será financiado em 2019. O corte agrava o cenário extremamente complicado que vive a ciência no país. Finep e o CNPq também lutam para sobreviver em meio às restrições que atingem milhares de pesquisadores.

A decisão do governo vai na contramão do que acredita a maioria da sociedade. Pesquisa realizada pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) mostra que 70% dos brasileiros mantêm uma visão positiva sobre a ciência e a tecnologia. Os cortes do orçamento da educação também são um dos principais fatores de rejeição ao governo, como demonstrou pesquisa da CNT/MDA divulgada no dia 26/08.

AGENDA

11 e 12/09

ELEIÇÕES DA ADUFRJ

Serão 24 seções eleitorais em todos os campi e em várias unidades isoladas da UFRJ.

PRODUÇÃO CIENTÍFICA ACADÊMICA

AS 15 INSTITUIÇÕES QUE MAIS PRODUZEM CIÊNCIA NO BRASIL SÃO UNIVERSIDADES PÚBLICAS

Essas 15 instituições produzem 60% da ciência brasileira	Ciências da Saúde	Ciências Biológicas	Ciências Exatas e da Natureza	Ciências Agrícolas	Engenharia	Todas as pesquisas
Universidade de São Paulo (USP)	21.912	17.025	14.536	5.676	5.819	58.899
Universidade Estadual Paulista (UNESP)	5.283	6.948	5.336	5.908	2.914	22.868
Universidade Estadual de Campinas (UEC)	5.719	4.416	6.571	1.989	3.941	19.317
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	4.672	5.351	5.503	981	3.038	17.484
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	5.189	4.009	3.980	2.168	2.589	15.860
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	5.235	4.348	3.293	1.809	2.108	14.904
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)	7.372	3.186	1.212	358	724	11.228
Universidade Federal do Paraná (UFPR)	2.153	3.333	2.488	2.180	1.678	9.895
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	2.473	1.974	2.468	1.358	2.284	9.162
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	1.778	2.302	2.391	882	1.082	7.038
Universidade de Brasília (UnB)	1.758	2.238	2.023	895	892	7.056
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)	2.110	1.315	3.046	281	1.030	7.039
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	977	1.727	2.843	670	2.072	6.880
Universidade Federal de Viçosa (UFV)	602	2.726	940	3.094	441	6.893
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	1.247	1.809	1.425	2.522	782	6.670

Número de trabalhos publicados na Web of Science 2013-2018
FONTE: Clarivate Analytics, 2019



PROPOSTAS DISTINTAS. Da esquerda para a direita: Selene Maia e Alessandra Nicodemos (Chapa 2), Ricardo Medronho (Mediador), Eleonora Ziller e Felipe Rosa (Chapa 1)

Debates expõem projetos diferentes para o sindicato

> Chapas que disputam a AdUFRJ divergiram sobre a forma de organização docente, o que se entende por mobilização da categoria e como interagir com sociedades científicas e o Congresso

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Dois debates, nos dias 3 e 5 de setembro, marcaram a última semana de campanha eleitoral para a diretoria da AdUFRJ. Disputam o voto dos professores a Chapa 1 – Ventos de Maio. Juntos pela Universidade. Não vamos parar nem voltar atrás – e a Chapa 2 – AdUFRJ em Movimento pela Base. O pleito será realizado em 11 e 12 de setembro. Os encontros discutiram temas que causam intensa preocupação entre os professores: cortes na pesquisa, Future-se e

governo Bolsonaro. O professor Ricardo Medronho, presidente da Comissão Eleitoral, apontou o que foi consenso entre os dois grupos. “Todos aqui temos pontos em comum: defender a universidade pública. As diferenças, me parece, são de método”.

Pela Chapa 1, apoiada pela atual diretoria, concorrem como presidente e vice, respectivamente, a professora Eleonora Ziller e o professor Felipe Rosa. A Chapa 2, de oposição, apresenta as professoras Alessandra Nicodemos e Selene Maia como presidente e vice-presidente.

Dois pontos marcaram a diferença entre as duas chapas: a avaliação das duas últimas gestões da AdUFRJ e as formas de mobilização. O grupo de oposição

responsabilizou a diretoria pela falta de mobilização de professores. Já a chapa 1 lembrou a atuação da seção sindical antes de 2015, com assembleias esvaziadas e greves.

A Chapa 1 reiterou a necessidade de defender a Ciência e a livre produção do conhecimento, dialogando com a Frente Parlamentar em Defesa das Universidades Públicas e com entidades como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e Academia Brasileira de Ciências (ABC). Já a Chapa 2, embora tenha reconhecido que estas são instâncias legítimas de atuação, afirma que pretende dar ênfase a atividades dentro da universidade para envolver os professores.

As divergências sobre o momento político também ficaram marcadas. O grupo apoiado pela atual direção acredita que o governo Bolsonaro apresenta elementos com os quais o movimento sindical não se deparara até então. “Acreditamos que a correta análise do que é o governo Bolsonaro é o que vai nos permitir realizar as ações necessárias para enfrentá-lo”, disse o professor Josué Medeiros, da Chapa 1. “Os projetos de privatização da universidade pública são anteriores a Bolsonaro”, defendeu a professora Alessandra Nicodemos, da Chapa 2.

A íntegra dos debates está disponível no Facebook da AdUFRJ e no canal da TV AdUFRJ, no Youtube.

PRAIA VERMELHA

■ A pergunta que norteou o debate da Praia Vermelha, no dia 3, foi como mobilizar os professores da UFRJ diante da conjuntura política de ataques à universidade e ao conhecimento científico. A parte de perguntas da plateia começou tensa. O professor Carlos Azambuja, da Belas Artes, acusou a candidata Eleonora Ziller, da Chapa 1, de ser apoiadora do Proifes. “É mentira”, rebateu a docente. “Mas seu marido defendia”, prosseguiu o docente, citando o já falecido professor Fernando Amorim. “Ele foi um dos fundadores. Mas sempre fui contra. Estou sendo apontada por algo que eu não fiz. Isto é a expressão do machismo estrutural da nossa sociedade”, afirmou a professora. As chapas demonstraram diferentes entendimentos sobre a mobilização dos professores. Para a Chapa 1, os docentes estão engajados na defesa da educação e da universidade de diferentes formas. “Nosso corpo docente é muito diverso. As assembleias estavam vazias, mas as praças ficaram lotadas quando foram chamados a mostrar para a sociedade o que desenvolvem”, justificou Eleonora. Já a Chapa 2 acusou em variados momentos as duas últimas direções da

AdUFRJ de não mobilizar os professores. “É preciso organizar os espaços coletivos de luta docente. Eu não acho que a UFRJ esteja mobilizada à altura da importância desta universidade”, opinou a professora Alessandra Nicodemos. “Precisamos que os professores se identifiquem como trabalhadores. Hoje eles não se identificam”, emendou o professor Filipe Boechat, candidato a 2º Secretário pela Chapa 2. Também houve diferenças sobre a forma de responder aos ataques do governo contra a ciência. “A universidade não tem só papel na produção científica. Ela também produz ensino e extensão”, disse Alessandra, em resposta à atual presidente da AdUFRJ, professora Maria Lúcia Werneck, que perguntou sobre o posicionamento das chapas em relação à defesa da ciência no Congresso Nacional. O professor Josué Medeiros, da Chapa 1, argumentou que a articulação com sociedades científicas, parlamentares e sociedade civil fortalecem a universidade. E citou como exemplo a paralisação do dia 15 de maio. “É impossível pensar o 15M sem a articulação de todas essas frentes. Todas as movimentações são importantes. Isto não é FlaxFlu”.

FUNDÃO

■ Novas e antigas formas de mobilização, governo Bolsonaro, comunicação sindical, Future-se, crise do financiamento da ciência. O último debate entre as chapas tratou dos principais temas relacionados aos recentes ataques contra as universidades federais. Ambos os grupos repudiaram o Future-se – projeto do governo para financiamento e gestão das universidades. “O Future-se é inegociável e levará a universidade à sua destruição”, afirmou Eleonora Ziller, da Chapa 1. “Consideramos que o Future-se inviabiliza financeiramente as universidades”, disse a professora Selene Maia, candidata da Chapa 2. A professora Leda Castilho, da Coppe, criticou as gestões da AdUFRJ anteriores a 2015, em que se decidia “em assembleias esvaziadas e relâmpagos” sobre a continuidade de greves. Alessandra Nicodemos respondeu que naquele período havia reuniões de unidades e ações do Conselho de Representantes. “Havia o olho no olho e ombro no ombro. Hoje não vemos mais isto”, disse. “Mais da metade dos docentes da minha unidade participou do 15 de Maio”, afirmou o professor Pedro Lagerblad,

candidato pela Chapa 1. “Minha unidade vai realizar uma assembleia para debater os cortes de bolsas. Não é porque algumas pessoas não veem que não existe mobilização”, respondeu. Alguns professores criticaram o Jornal da AdUFRJ. Neste momento, a professora Alessandra Nicodemos reclamou sobre uma matéria a respeito da assembleia ocorrida no dia 1º de agosto. A candidata acusou a reportagem de redigir texto em que chamava professores de “sectários”. A redação esclarece que não há em qualquer linha da matéria acusações de sectarismo contra docentes. Um editorial assinado pela diretoria, na mesma página, faz considerações sobre tentativas de impedimento do debate. Ainda assim, nem mesmo no editorial foi usada a expressão “grupo sectário”. Candidato a vice-presidente pela Chapa 1 e atual diretor da AdUFRJ, o professor Felipe Rosa saiu em defesa da Comunicação. “Nosso jornal tem mais receptividade entre os professores do que tinha antes”, disse. “Inclusive gostaria de ressaltar que a Comunicação da AdUFRJ ajudou a universidade a protagonizar o debate sobre o Future-se no Brasil”, afirmou.

IMAGEM DA SEMANA

QUINZE UNIVERSIDADES PÚBLICAS PRODUZEM 60% DA CIÊNCIA BRASILEIRA

■ Onze universidades federais e quatro estaduais produzem mais da metade da Ciência nacional. A informação consta de um relatório preparado pela empresa Clarivate Analytics e divulgado esta semana, em Brasília. Os dados contradizem as críticas do governo federal de que as instituições públicas não fazem pesquisa e não se relacionam com empresas. Segundo o documento, a produção científica brasileira cresceu 30% entre 2013 e 2018 – o dobro da média mundial, de 15%.

CHAPA

1

Professores juntos pela universidade

Juntos pela UFRJ. Juntos pela democracia. Juntos por nosso futuro! A AdUFRJ é o principal instrumento para organizar a energia dos professores e potencializar nossa força

A gosto foi de profundo ataque do governo Bolsonaro contra a pesquisa e as universidades. Metade das nomeações de reitores desrespeitou a vontade da comunidade acadêmica e o orçamento anunciado para 2020 retira 50% dos recursos do MEC para a pesquisa. Em setembro, o governo aprofundou o pacote de maldades com o corte de mais 5.613 bolsas de mestrado e de doutorado da Capes. Vitórias parciais garantiram o pagamento das bolsas do CNPq para o próximo mês, mas ainda faltam R\$ 250 milhões para fechar o ano. Para seguir de portas abertas, a reitoria da UFRJ anunciou uma série de restrições para garantir as atividades essenciais.

Todo este quadro extremo mostra que estamos diante de um tipo novo de ataque, no qual o governo não apenas corta verbas da universidade e da pesquisa, mas avança contra os pilares mais básicos da educação e da democracia, em uma dinâmica autoritária que ameaça a própria existência dos direitos e da nossa existência e na qual nós, professores, somos considerados inimigos da nação. O Future-se, projeto deste governo para aniquilar a universidade, representa essa dinâmica e, não por acaso, vem sendo rejeitado na maioria das Ifes do país. Vale destacar que a UFRJ saiu na frente com uma rápida mobilização unitária e institucional contra este projeto.

Nesta campanha, em nossas visitas às unidades e caminhadas por todos os centros, percebemos a comunidade docente muito mobilizada em defender nossa universidade. Professoras e professores das mais diferentes áreas vêm dando tudo de si para manter os laboratórios abertos, garantir a continuidade das pesquisas e dos projetos de extensão e para seguir fazendo da sala de aula um lugar de reflexão crítica sobre o mundo e de renovação das esperanças coletivas.

É com base nessa energia presente em nossa universidade que construímos nossa chapa e que faremos a gestão da AdUFRJ nos próximos dois anos. Conversando com nossos colegas, escutando



suas demandas e diagnósticos, é possível perceber que estamos ainda sem clareza de qual rumo seguir, mas também é inegável que há uma disposição geral em sair das nossas áreas de conforto para travar uma batalha das mais importantes para o país.

A AdUFRJ é nosso principal instrumento para organizar essa energia. É nosso ponto de apoio fundamental, instituição capaz de articular e potencializar nossa força. Para isso, o passado é lição para se meditar, não para reproduzir (para lembrar Mário de Andrade). Nenhum caminho pode ser descartado, mas aqueles que, no passado, garantiram vitórias e nos trouxeram algum ganho, há muito já demonstraram seus limites. Precisamos sim de uma luta sindical coletiva e intransigente na defesa da universidade pública e de seus princípios, mas não podemos caminhar sozinhos, por mais decididos e combativos que sejamos.

nosso discurso. Precisamos seguir na reorganização dos nossos instrumentos, tais como as Assembleias, os Conselhos de Representantes, o jornal da entidade, o Andes-SN; precisamos construir novos mecanismos, como comunicação em rede, campanhas temáticas em parceria com a SBPC e demais entidades científicas e, ainda, o Observatório do Conhecimento. Precisamos renovar nossas parcerias com estudantes e servidores, movimentos sociais em geral, com a sociedade civil em seu sentido mais amplo e frentes parlamentares em defesa da educação e da ciência. Precisamos nos articular entre nós, com muita unidade na diversidade, e ampliar essa conexão para as escolas públicas e privadas, para as demais Ifes. Há um amplo e poderoso leque de possibilidades e o dia 15 de maio já demonstrou ser possível deter a máquina destrutiva que o governo pôs em movimento.

Nos dias 11 e 12 de setembro, escreveremos uma página importante dessa história ao escolher a nova diretoria da AdUFRJ. Nenhum de nós poderá ficar alheio ao que está se apresentando. A Chapa 1 entende que só com uma poderosa unidade de todos os segmentos, radicalmente comprometida com a defesa da universidade, a AdUFRJ será capaz de encontrar o melhor caminho a seguir. O que faz um sindicato forte é a sua capacidade de ser a expressão e a força de toda a categoria, o que fará a nossa luta vitoriosa é a possibilidade de envolvermos verdadeiramente todos os docentes. Não temos mais tempo nem condições de nos perdermos em polémicas secundárias e retóricas. Não podemos nos dar ao luxo de selecionar quem pode estar conosco: vamos precisar de todo mundo, vamos ter que tomar nossas decisões de forma democrática, transparente e participativa. Não há outro caminho.

CHAPA 1: VENTOS DE MAIO: JUNTOS PELA UNIVERSIDADE. NÃO VAMOS PARAR NEM VOLTAR ATRÁS



Presidente:
Eleonora Ziller
Camenietzki
Faculdade de Letras



Vice-presidente:
Felipe Rosa
Instituto de Física



2º Vice-presidente
Christine Ruta
Instituto de Biologia



1º Secretário
Pedro Lagerblad
Instituto de Bioquímica
Médica



2º Secretário
Marcos Dantas
Escola de Comunicação



1º Tesoureiro
Josué Medeiros
IFCS



2º Tesoureiro
Jackson Menezes
Nupem/Macaé

CHAPA

2

Pelo financiamento público da pesquisa

Em defesa do CNPq e da Capes e da soberania tecnológica brasileira

Os cortes nos orçamentos do MEC e do MCTIC afetaram de forma drástica as universidades e as agências de fomento à pesquisa e à pós-graduação. O CNPq suspendeu editais em que o pagamento de bolsas era previsto e, ao todo, a Capes já cortou quase 12 mil bolsas neste ano. No ano que vem, segundo a proposta encaminhada pelo governo ao Congresso Nacional, os orçamentos da Capes e CNPq serão, respectivamente, 50% e 87% inferiores aos de 2019. Para agravar a situação, o governo já anunciou a disposição de suspensão de concursos para reposição das aposentadorias em 2020. Desconsidera-se o fato de que as Universidades e o sistema de pós-graduação brasileiros são cruciais na formação de pessoal qualificado e nas pesquisas essenciais ao país, constituindo-se como um importante fator para a conquista de soberania tecnológica e ruptura com o modelo exportador de commodities e de produtos de baixo valor agregado.

Um longo processo de asfixia orçamentária
A UFRJ vem sofrendo um longo período de asfixia orçamentária, comprometendo as pesquisas em andamento e o futuro das próximas gerações de pesquisadores. Mesmo no período em que houve aumento dos recursos nas universidades públicas (2003-2014), este não foi suficiente para as demandas estruturais (novos prédios, laboratórios, bibliotecas, etc.) criadas pela expansão do Reuni, que incorporou só na UFRJ 20 mil estudantes. Uma conta que não fecha sem relegar a um papel secundário o desenvolvimento científico e tecnológico do país.

A crise econômica, o “teto de gastos” e os cortes de Bolsonaro
As políticas anticíclicas adotadas, ao não enfrentarem os determinantes da crise de 2008, não interromperam a crise econômica que assumiu configuração de crise política e resultou no afastamento extracostitucional de Dilma Rousseff. Em resposta a estas crises, Temer viabilizou



uma regressiva e brutal reforma trabalhista e aprovou a EC 95, aprofundando a contrarreforma do Estado e agravando o desemprego, superior a 13 milhões de pessoas, às quais somam-se 39 milhões de trabalhadores desprovidos de direitos trabalhistas e previdenciários. A ortodoxia liberal insiste no aprofundamento de políticas de austeridade, empurrando ainda mais para os trabalhadores os custos sociais de uma economia em recessão.

A EC 95 reduz, ano a ano, as despesas primárias por 20 anos a uma taxa anual de 0,5% a 0,8% do PIB e explica o Future-se e o desmonte da Capes, do CNPq e da Finep

Toda a área da ciência, tecnologia e inovação está inviabilizada pela emenda e pelas decisões do núcleo econômico, contemplando os fundamentalistas em suas cruzadas contra a liberdade de cátedra e de pensamento. Além de recusar a presença dos cientistas nos espaços

estatais, Bolsonaro, loquaz em declarações machistas, racistas, homofóbicas e antiambientais, subordina o país ainda mais aos grandes grupos econômicos (setor financeiro em geral, mineradoras e agronegócio) e está deliberadamente desmontando todo o nosso aparato de fomento à pesquisa. Sua subserviência a Trump contribui para um inédito isolamento do Brasil, comprometendo a soberania nacional e a frágil democracia brasileira. A tendência é que logo sejamos obrigados a desativar, por falta de recursos, as atividades de ensino-pesquisa-extensão na UFRJ e em todo o país.

AdUFRJ em Movimento pela Base
Diante das dificuldades que nos desanimam, dos ininterruptos ataques à universidade e da perda de direitos, é necessário voltar a acreditar na força coletiva de mobilização – as manifestações em defesa da educação neste ano, em especial o “UFRJ na Praça”, ao qual contribuímos energicamente para sua organização,

demonstram que é possível.

Organizar, debater, lutar! Não há alternativa! A única forma de resistir a este desmonte das áreas sociais no país e das universidades é nossa presença ativa nos espaços públicos, organizando dialogicamente a Categoria, sempre em conjunto com os estudantes e técnicos, não apenas da UFRJ, mas também nas demais instituições de ciência e tecnologia: em movimento e pela base.

A AdUFRJ-SSind tem papel fundamental nesta retomada de consciência, agindo nos locais de trabalho, nas unidades, por meio do Conselho de Representantes, levantando pautas de reivindicações locais e articulando, em conjunto com estudantes, técnicos-administrativos e demais entidades e movimentos sociais do país, a resistência em defesa dos direitos sociais e da universidade pública, gratuita e socialmente referenciada.

CHAPA 2: ADUFRJ EM MOVIMENTO PELA BASE



Presidente:
Alessandra
Nicodemos
Faculdade de Educação



Vice-presidente:
Selene Alves Maia
Instituto de Matemática



2º Vice-presidente
Marcelo Paula
de Melo
Educação Física



1ª Secretária
Marinalva Oliveira
Faculdade de Educação



2º Secretário
Filipe Boechat
Instituto de Psicologia



1º Tesoureiro
Wilson Vieira
Instituto de Economia

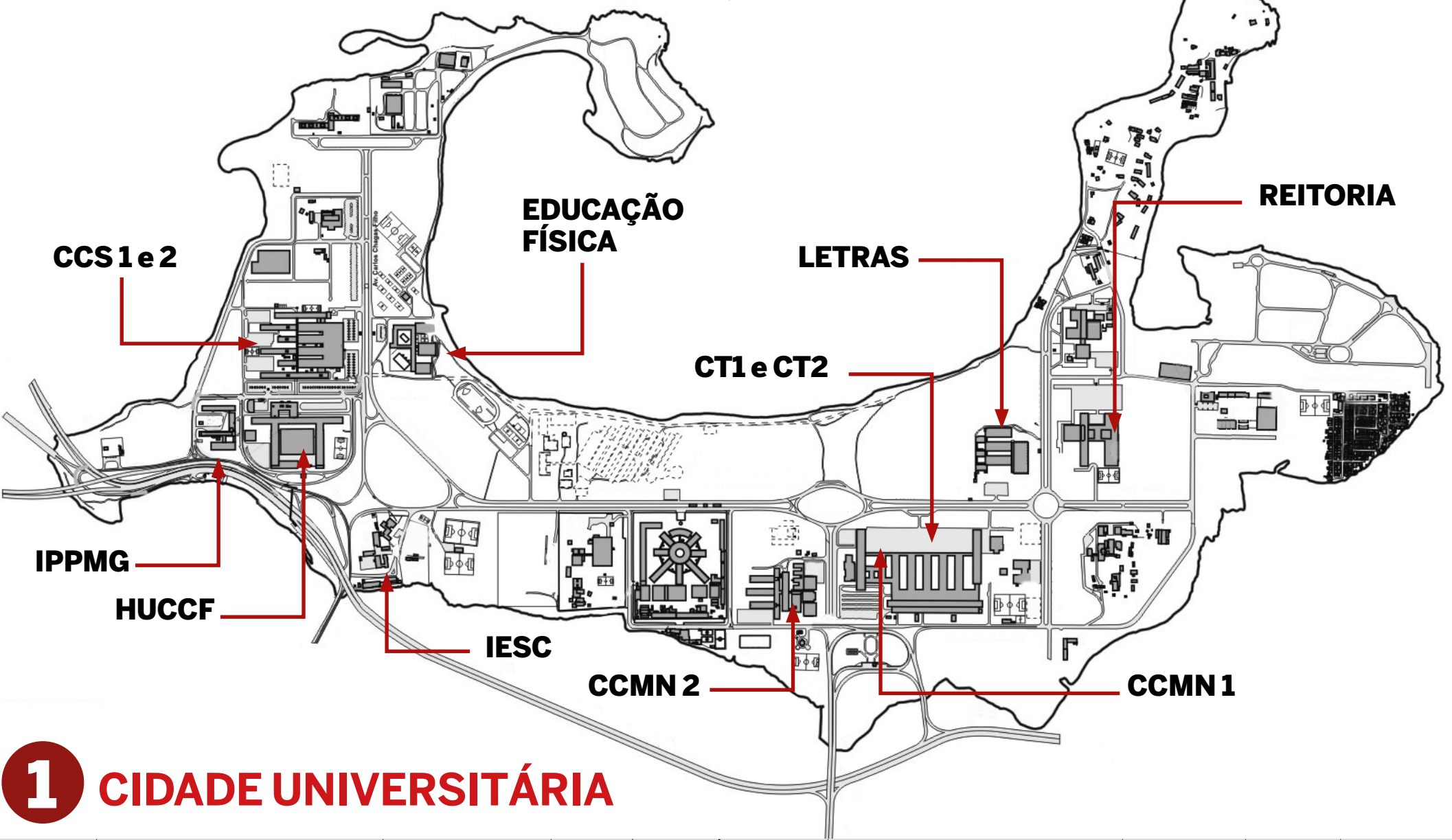


2ª Tesoureira
Regina Pugliese
CAP (aposentada)

CONHEÇA OS LOCAIS DE VOTAÇÃO E OS CANDIDATOS AO CONSELHO

KELVIN MELO
kelvin@adufRJ.org.br

Os professores da UFRJ vão às urnas nos dias 11 e 12 de setembro para escolher a diretoria e o Conselho de Representantes da AdUFRJ. Haverá 24 seções eleitorais em todos os campi e em várias unidades isoladas da universidade. Os horários variam conforme o local. Para votar, basta levar um documento de identificação. Todos os 3.508 sindicalizados até 12 de julho estão aptos a votar, incluindo professores aposentados e substitutos. O professor pode votar fora de sua seção eleitoral. Nesse caso, ele votará em separado para a diretoria, mas não poderá votar para o Conselho de Representantes.

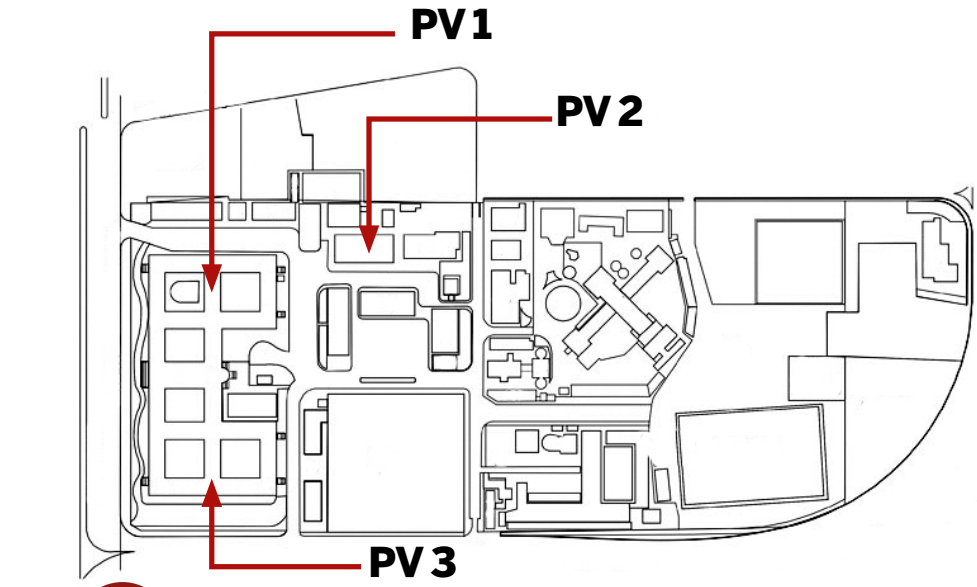


1 CIDADE UNIVERSITÁRIA

SEÇÃO ELEITORAL	UNIDADES	LOCAL	11/09	12/09
09-HUCCF	Faculdade de Medicina Faculdade de Odontologia Instituto de Doenças do Tórax Instituto de Ginecologia Maternidade Escola	Entrada dos professores do HUCCF	7h às 9h	7h às 9h
		Hall dos elevadores do Subsolo do HUCCF	9h às 14h	9h às 14h
10- IPPMG	IPPMG Escola de Educacao Infantil	Departamento de Pediatria, 3º andar	11h às 15h	11h às 15h
11-IESC	Instituto de Estudos em Saúde Coletiva	Entrada do IESC	11h às 13h	11h às 13h
12-CCS1	Faculdade de Farmácia Instituto de Biologia	Térreo do Bloco A do CCS	9h às 15h	9h às 15h
13-CCS2	Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho Instituto de Bioquímica Médica Inst Microbiologia Professor Paulo de Góes Instituto de Nutrição Josué de Castro Instituto de Pesquisas de Produtos Naturais Walter Mors (IPPN) Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde	Bloco H do CCS	9h às 15h	9h às 15h
14-EEFD	Escola de Educacao Física e Desportos	Entrada do prédio da EEFD	9h às 21h	9h às 21h
15-LETRAS	Faculdade de Letras	Entrada da FL	9h às 21h	9h às 21h

O Conselho é o órgão consultivo da Seção Sindical e, entre outras funções, tem a responsabilidade de fiscalizar a aplicação das finanças e do patrimônio da Adufrj. Os candidatos representam suas unidades acadêmicas. Seus nomes aparecem em listas e o eleitor vota numa das listas. Há 21 unidades com uma única lista. Em outras oito, haverá disputa. Presidente da comissão eleitoral, o professor Ricardo Medronho conclama os colegas à votação para fortalecer o sindicato diante da conjuntura de ataques à Educação e à Ciência. “Estamos vivendo um momento político muito importante. A universidade pública está em risco. Por isso, a participação dos docentes nesta eleição é ainda mais fundamental”, afirmou Medronho, recentemente condecorado com o título de professor emérito da UFRJ.

SEÇÃO ELEITORAL	UNIDADES	LOCAL	11/09	12/09
16- REITORIA	Escola de Belas Artes Faculdade de Arquitetura e Urbanismo IPPUR Coppead	Térreo do Prédio da Reitoria	9h às 15h	9h às 15h
17-CT1	Escola Politécnica (blocos F, G, H) Escola de Química COPPE (blocos F, G, H) Instituto de Macromoléculas Professora Eloisa Mano	Rampa da entrada do Burguesão	10h às 16h	10h às 16h
18-CT2	Escola Politécnica (blocos, B, C, D) COPPE (blocos F, G, H) Instituto de Matemática (IM) (exceto Computação)	Em frente ao Bloco D	9h às 17h30	9h às 17h30
19-CCMN1	Instituto de Física Instituto de Química	Em frente ao Bloco B	10h às 16h	10h às 16h
20-CCMN2	Instituto de Geociências Instituto de Matemática - (Computação)	Em frente à entrada do IGEO	10h às 16h	10h às 16h



2 PRAIA VERMELHA

SEÇÃO	UNIDADES	LOCAL	11/09	11/09
1- PRAIA VERMELHA 1	Faculdade de Administração e Ciências Contábeis	Corredor do CCJE, em frente à sala Prof. Aloisio Teixeira.	9h às 20h30	9h às 20h30
2- PRAIA VERMELHA 2	Instituto de Economia Escola de Serviço Social Instituto de Psicologia Instituto de Psiquiatria NEPP-DH	Entrada da ESS	9h às 14h30 18h às 20h30	9h às 14h30 18h às 20h30
3- PRAIA VERMELHA 3	Faculdade de Educação Escola de Comunicação	Em frente à entrada de acesso à FE	9h às 13h 16h às 21h	9h às 13h 16h às 21h

3 IFCS

SEÇÃO	UNIDADES	LOCAL	11/09	12/09
4-IFCS	Instituto de Filosofia e Ciências Sociais /Instituto de História	Entrada/Pátio Interno do IFCS	9h às 21h	9h às 21h

4 FND

SEÇÃO	UNIDADES	LOCAL	11/09	12/09
5-FND	Faculdade de Direito Observatório do Valongo	Sala dos Professores da FND	9h às 12h 17h às 20h30	9h às 12h 17h às 20h30

5 MÚSICA

SEÇÃO	UNIDADE	LOCAL	11/09	12/09
6-MÚSICA	Escola de Música	Entrada da EM	9h às 12h	9h às 12h

6 MUSEU

SEÇÃO	UNIDADE	LOCAL	11/09	12/09
7-MUSEU	Museu Nacional	Local será divulgado no site da AdUFRJ	11h30 às 13h30	11h30 às 13h30

7 ANNA NERY

SEÇÃO	UNIDADE	LOCAL	11/09	12/09
8-ANNA NERY	Escola de Enfermagem Anna Nery	Pavilhão de aulas da EEAN	13h às 17h	13h às 17h

8 CAp

SEÇÃO	UNIDADE	LOCAL	11/09	12/09
21-CAp	Colégio de Aplicação	Sala dos Professores	8h30 às 16h	8h30 às 16h

9 MACAÉ

SEÇÃO	UNIDADES	LOCAL	11/09	12/09
22-MACAÉ 1	Campus de Macaé	Corredor Principal do Bloco B, no térreo entre a Copa e o Gabinete da Direção	10h às 18h	10h às 18h
23-MACAÉ 2	Campus de Macaé	Hall de entrada do auditório do NUPEM		10h às 17h

10 POLO DE XERÉM

SEÇÃO	UNIDADE	LOCAL	11/09	12/09
24-XERÉM	Polo de Xerém	Em frente à sala dos professores	11h às 13h	11h às 13h

LISTA DOS CANDIDATOS AO CONSELHO DE REPRESENTANTES

NOME	UNIDADE	LISTA
MARIA CORDEIRO DE FARIAS GOUVEIA MATOS	CAp	A
ULISSES DIAS DA SILVA	CAp	A
FLAVIA ALVES GOMES	CAp	A
LETICIA CARVALHO DA SILVA	CAp	A
CASSANDRA MARINA DA SILVEIRA PONTES	CAp	A
SULAMITA INACIO FREIRE	CAp	A
MARIA NORMA DE MENEZES	EBA	A
LIV REBECCA SOVIK	ECO	A
CONSUELO DA LUZ LINS	ECO	A
FERNANDO ANTONIO SOARES FRAGOZO	ECO	A
FERNANDO SOUZA GERHEIM	ECO	A
LUIZ CARLOS BRITO PATERNOSTRO	ECO	B
CARMEM CINYRA GADELHA PEREIRA	ECO	B
WILLIAM DIAS BRAGA	ECO	B
LUIS AURELIANO IMBIRIBA SILVA	EEFD	A
LUCIANA MARINS NOGUEIRA PEIL	EEFD	A
SERGIO PEREIRA ANDRADE	EEFD	A
ALEXANDRE PALMA DE OLIVEIRA	EEFD	A
WALCYR DE OLIVEIRA BARROS	ESCOLA DE ENFERMAGEM	A
ELEN MARTINS DA SILVA CASTELO BRANCO	ESCOLA DE ENFERMAGEM	A
ANA LUIZA DE OLIVEIRA CARVALHO	ESCOLA DE ENFERMAGEM	A
CLAUDIA REGINA G COUTO DOS SANTOS	ESCOLA DE ENFERMAGEM	A
RICARDO DE ANDRADE MEDRONHO	ESCOLA DE QUÍMICA	A
ROSSANA ODETE MATTOS FOLLY	ESCOLA DE QUÍMICA	A
HELOISA LAJAS SANCHES	ESCOLA DE QUÍMICA	A
LUIZ ANTONIO DAVILA	ESCOLA DE QUÍMICA	A
CLEUSAO DOS SANTOS	ESS	A
MIRELLA FARIAS ROCHA	ESS	A
THIAGO GAMBOA RITTO	ESCOLA POLITÉCNICA	A
RICARDO EDUARDO MUSAFIR	ESCOLA POLITÉCNICA	A
SYLVIO JOSE RIBEIRO DE OLIVEIRA	ESCOLA POLITÉCNICA	A
PATRICIA MALLMANN SOUTO PEREIRA	FACC	A
CLAUDIO REZENDE RIBEIRO	FAU	A
LUCIANA BOITEUX DE FIGUEIREDO RODRIGUES	FND	A
JULIA AVILA FRANZONI	FND	A
ANA LUCIA CUNHA FERNANDES	FACULDADE DE EDUCAÇÃO	A
ANGELA MEDEIROS SANTI	FACULDADE DE EDUCAÇÃO	A
HERLI JOAQUIM DE MENEZES	FACULDADE DE EDUCAÇÃO	B
LUCIANO PRADO DA SILVA	FACULDADE DE EDUCAÇÃO	B
CLAUDIA LINO PICCININI	FACULDADE DE EDUCAÇÃO	B
BRUNO GAWRYSZEWSKI	FACULDADE DE EDUCAÇÃO	B
DIVA LUCIA GAUTERIO CONDE	FACULDADE DE EDUCAÇÃO	B
MONICA DE SOUZA HOURI	FACULDADE DE EDUCAÇÃO	B
YRAIMA MOURA LOPES CORDEIRO	FARMÁCIA	A
LUIS MAURICIO T DA ROCHA E LIMA	FARMÁCIA	A
HEITOR AFFONSO DE PAULA NETO	FARMÁCIA	A
BEATRIZ VIEIRA DE RESENDE	LETRAS	A
FLAVIA FERREIRA DOS SANTOS	LETRAS	A
LUCIANA DOS SANTOS SALLES	LETRAS	B
GUMERCINDA NASCIMENTO GONDA	LETRAS	B
FERNANDO SILVA GUIMARAES	MEDICINA	A
SARA LUCIA SILVEIRA DE MENEZES	MEDICINA	B
CLAUDIA M. N. DRUMMOND FONSECA	MEDICINA	C
FERNANDO PEREIRA DUDA	COPPE	A
CELINA MIRAGLIA HERRERA DE FIGUEIREDO	COPPE	A
FERNANDO ALVES ROCHINHA	COPPE	A
FABIO SOUZA TONIOLO	COPPE	A
MARCIA WALQUIRIA DE CARVALHO DEZOTTI	COPPE	A
FREDERICO CAETANO JANDRE DE ASSIS TAVARES	COPPE	A
BIANCA DE CARVALHO PINHEIRO	COPPE	B
SILVANA ALLODI	IBCCF	A
CLAUDIA DE ALENCAR SANTOS LAGE	IBCCF	A
DEIA MARIA FERREIRA DOS SANTOS	BIOLOGIA	A
ANTONIO MATEO SOLE CAVIA	BIOLOGIA	A
ANDRE FELIPE ANDRADE DOS SANTOS	BIOLOGIA	A
OLAVO BOHRER AMARAL	IBqM	A
JACQUELINE LETA	IBqM	A
MORGANA TEIXEIRA LIMA CASTELO BRANCO	ICB	A
SANDRA KONIG	ICB	A
ALEXIS NICOLAS SALUDJIAN	ECONOMIA	A
MARTA DOS REIS CASTILHO	ECONOMIA	B
ESTHER DWECK	ECONOMIA	B
MARIA TEREZA LEOPARDI MELLO	ECONOMIA	B
VICTOR PROCHNIK	ECONOMIA	B
HELGA DA CUNHA GAHYVA	IFCS	A
JOAO RAMOS TORRES DE MELLO NETO	FÍSICA	A
MIGUEL BOAVISTA QUARTIN	FÍSICA	A
MURILO SANTANA RANGEL	FÍSICA	A
NEDIR DO ESPÍRITO SANTO	MATEMÁTICA	A
MARIA FERNANDA ELBERT GUIMARAES	MATEMÁTICA	A
BRUNO ALEXANDRE SOARES DA COSTA	MATEMÁTICA	A
MONIQUE ROBALO MOURA CARMONA	MATEMÁTICA	A
ADEMIR FERNANDO PAZOTO	MATEMÁTICA	A
ANGELA CASSIA BIAZUTTI	MATEMÁTICA	A
RENATO DA SILVA MONTEIRO	NUTRIÇÃO	A
DANIELA ALVES MINUZZO	NUTRIÇÃO	A
FRANCISCO TEIXEIRA PORTUGAL	PSICOLOGIA	A
JOAO BATISTA DE OLIVEIRA FERREIRA	PSICOLOGIA	A
MONICA FERREIRA MOREIRA CARVALHO CARDOSO	QUÍMICA	A
PIERRE MOTHE ESTEVES	QUÍMICA	A
CLAUDIO CERQUEIRA LOPES	QUÍMICA	A
ALVICLER MAGALHAES	QUÍMICA	A
RODRIGO VOLCAN ALMEIDA	QUÍMICA	B
RODRIGO DA SILVA BITZER	QUÍMICA	B
GUSTAVO ARANTES CAMARGO	MACAÉ	A
THADDEUS GREGORY BLANCHETTE	MACAÉ	A
LAIS BURITI DE BARROS	MACAÉ	B
DANIEL DE AUGUSTINIS SILVA	MACAÉ	B
ANGELICA NAKAMURA	MACAÉ	B
FERNANDA MARIA DA COSTA VIEIRA	NEPP-DH	A
ANA CLAUDIA DIOGO TAVARES	NEPP-DH	A

Estudantes vivem drama após novo corte de bolsas da Capes

>Sem recursos para continuar pesquisas, pós-graduandos desabafam nas redes sociais. Bloqueios na agência de fomento do MEC já prejudicaram quase 12 mil bolsistas em todo o Brasil só em 2019

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrrj.org.br

A história da estudante da UFRJ Gabriella Pinheiro viralizou nas redes sociais, nos últimos dias. Primeira colocada da seleção para o doutorado do Programa de Pós-graduação em Ciências Morfológicas do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB), a jovem foi uma das vítimas dos cortes na pesquisa científica do país. A Capes anunciou, na segunda-feira (2), o congelamento de 5.613 bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado. A UFRJ perdeu 107 incentivos do Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP).

“Hoje, eu recebi a notícia de que a bolsa que seria minha foi congelada, ou seja, não irei mais receber bolsa de doutorado, o que implicará na desistência em permanecer nessa etapa da pós-graduação”, postou em seu perfil no facebook. A mensagem, publicada na terça-feira (3) à noite, obteve mais de 10 mil reações, mil comentários e 6,4 mil compartilhamentos em 72 horas. O desabafo da pesquisadora termina com uma reflexão sobre o impacto da política de desmonte da ciência para “a vida de todas as pessoas atingidas em todas as pesquisas interrompidas, em cada medicamento que não será mais desenvolvido, em cada cura que está cada vez mais distante”. “A pesquisa vai morrer no Brasil”, completa. Gabriella se dedicaria à investigação de como o vírus zika poderia ajudar no tratamento de tumor cerebral –



SONHOS INTERROMPIDOS Depoimentos como o de Gabriella Pinheiro (no detalhe) tomaram conta das redes sociais, após cortes na Capes

hoje incurável. Este foi o terceiro bloqueio da Capes em 2019. Até agora, a agência deixou de apoiar 11.811 estudantes. Sobre o corte mais recente, o presidente da Capes, Anderson Correia, declarou que se tratava de “bolsas novas que seriam implementadas agora em setembro”. Ao justificar o anúncio, Correia disse que queria preservar todos os bolsistas em atividade. Os exemplos indicam outra realidade. Larissa Fonseca, doutoranda do Programa de Engenharia Mecânica da Coppe, faz parte de um grupo que acabou em um limbo criado pelos critérios de corte da Capes: os estudantes que estão fora do país para um doutorado-sanduíche. Depois de dois anos de bolsa da agência brasileira, Larissa pas-

sou um ano nos Estados Unidos, subsidiada pela *Texas A&M University*. Agora, a etapa final não terá mais a cobertura da Capes, conforme previsto no início do projeto. “Sou de Minas Gerais e tenho duas irmãs, uma delas mestrand. Nossa família não tem recurso. Sem bolsa, não consigo terminar o doutorado”, relatou a pesquisadora. “Fui para o estrangeiro para adquirir um conhecimento que não é desenvolvido no país. E tudo isso agora está em risco, acho inconsequente”, disse. “A bolsa é algo absolutamente necessário para a dedicação exclusiva que realizamos”, completou. Até há pouco tempo coordenador do Programa de Engenharia Mecânica da Coppe, o professor Albino Leiroz lamentou a per-

da de cinco bolsas de mestrado. Assim como o programa do ICB, a pós-graduação da Coppe tem conceito 7, nota máxima da Capes. Para o docente, a classificação de bolsas “sem uso” ou “excedente”, utilizada pelo MEC e pela Capes, é artificial. “A demanda por bolsas é muito maior do que a oferta. O que acontece é que temos uma fila de espera”, argumenta. “São pessoas que preenchem os critérios de excelência e têm essa expectativa, que agora não será correspondida”. A UFRJ repudiou os cortes. “A pós-graduação é a base do desenvolvimento científico, tecnológico e da inovação do nosso país. Ela levou muitos anos para se constituir. Estamos sendo atingidos no coração”, lamentou a pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, professora Denise Freire.

A pró-reitoria publicou nota, no dia 4, expressando indignação com a medida do governo. O texto critica “o apequenmento da ciência e da tecnologia brasileiras”. E enfatizou que a redução da oferta de bolsas ocorre em paralelo à degradação dos recursos de custeio da universidade. A assessoria de Capes não respondeu a questões sobre o impacto da perda de mais de 11 mil bolsas em 2019; o caso das bolsas de doutorado-sanduíche; ou o impacto para a internacionalização ou para a avaliação dos programas. Limitou-se a dizer que “o MEC e a Capes buscam alternativas para recompor o orçamento de 2020. Todas as possibilidades estão sendo estudadas para garantir o pleno funcionamento dos serviços prestados.”

DECRETO RESTRINGE AFASTAMENTO DE SERVIDORES

■ Um decreto do governo Bolsonaro que regulamenta os afastamentos dos servidores para capacitação e formação tem preocupado muitos professores. A medida, publicada no Diário Oficial da União de 28 de agosto, restringe as normas atuais, previstas no Regime Jurídico Único dos funcionários públicos. Mas, na avaliação da Assessoria Jurídica do Andes, os docentes estariam livres dos efeitos do decreto nº 9.991, pois têm a possibilidade de se afastar por lei específica, a da carreira. “Os docentes do Plano de Carreiras e Cargos do Magistério Federal possuem regulamentação específica no artigo 30, da Lei nº 12.772, o que afastaria a aplicação de eventuais procedimentos e limitações impostas

pelo Decreto nº 9.991/19”, diz um trecho da nota técnica assinada pelo advogado Rodrigo Torelly, do Andes. Assessora jurídica da Adufrj, Ana Luisa reforça esta interpretação: “Ou seja, os docentes têm a possibilidade de se afastar pela lei nº 8.112 – lei geral dos servidores federais – ou pelos afastamentos da lei específica da carreira docente”, diz. A recomendação é que o docente agora faça o pedido de afastamento em sua unidade, para capacitação ou titulação, com base na lei da carreira. Em caso de dúvidas, o interessado pode procurar o plantão jurídico da associação docente.

DECRETO ILEGAL
Para os advogados do Andes,

ao estabelecer diversas condicionantes para o exercício de licenças e afastamentos, o decreto pode ter extrapolado sua função de regulamentar, “sendo portanto passível de ser declarado ilegal”. Uma das restrições é a realização de um processo seletivo prévio aos afastamentos para participação em programas de pós-graduação. A seleção seria conduzida e regulada pelas entidades do Sistema de Pessoal Civil da Administração Federal (Sipec). Nos afastamentos por período superior a trinta dias consecutivos, o servidor perderia “as gratificações e adicionais vinculadas à atividade ou ao local de trabalho e que não façam parte da estrutura remuneratória bá-

sica do cargo efetivo”. O dispositivo gerou, entre os professores, o receio de perda da Retribuição por Titulação – hoje, a maior parte do salário. A assessoria jurídica do Andes deixa claro que este risco não existe. “Parcelas vinculadas à atividade ou ao local de trabalho são aquelas pagas em retribuição de um serviço comum prestado em condições anormais, possuindo, portanto, natureza especial”, diz outro trecho da nota técnica. É o caso dos adicionais de insalubridade ou periculosidade.

UFRJ ESTUDA NORMAS
A Pró-reitoria de Pessoal formou um grupo de estudos para analisar as consequências do decreto nº 9.991. “Planejamen-

to e controles são importantes para as atividades do serviço público. Contudo, o decreto cria mecanismos mais rigorosos e restritivos aos direitos que favorecem a capacitação. Isso certamente causará uma retração no desenvolvimento dos servidores”, afirmou a pró-reitora Luzia Araújo. “Além disso, leva a uma centralização que, ousou dizer, fere a autonomia universitária”, completou. A dirigente explicou que a nova legislação não foi debatida com a universidade: “Neste momento, precisaremos nos adequar, mas seria importante uma atuação conjunta das instituições federais de ensino superior para contestar os diversos pontos inadequados”, observou. **(Kelvin Melo)**